



DIMENSÕES GEOGRÁFICAS DA NECROPOLÍTICA DO VÍRUS

VIRUS NECROPOLITICS GEOGRAPHICAL DIMENSIONS

DIMENSIONES GEOGRÁFICAS DE LA NECROPOLITICA DEL VIRUS

Aiala Colares Couto ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Geógrafo. Doutor em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental (NAEA-UFPA). Professor Assistente IV da Universidade do Estado do Pará.
E-mail: aialacouto@uepa.br



Resumo

A crise global de saúde pública que o “novo” Coronavírus provocou na estrutura das políticas neoliberais dos Estados nacionais não confirma o fim do capitalismo ou o esgotamento de um sistema econômico. O objetivo deste ensaio é apresentar uma reflexão analítica acerca das dimensões geográficas que a necropolítica produziu a partir do projeto de modernidade e que estão sendo reforçadas com a pandemia. A metodologia utilizada para a produção desse texto se fundamentou na pesquisa bibliográfica e revisão da literatura, portanto, destacamos que os efeitos mortíferos do SARS-II, complementam as ações genocidas do necrocapitalismo de Estado, pois elas atingem principalmente aos grupos mais vulneráveis da periferia do mundo globalizado. Por fim, a crise de surto pandêmico desta segunda década do século XXI em meio a um contexto de incerteza nos dá a certeza da urgência em construirmos um projeto de humanidades melhor do que este que se fundamenta em uma sociedade do consumo.

Palavras-chave

Necropolítica. Pandemia. Capitalismo.

Abstract

The global public health crisis that the “new” Coronavirus has caused in the neoliberal policies structure in national states does not confirm the end of capitalism or the exhaustion of this economic system. The purpose of this essay is to present an analytical reflection on the geographical dimensions that were produced by the necropolitics from the modernity project, whose are being reinforced with the pandemic. The methodology used for this text's production was based on bibliographic research and literature review, therefore, we highlight that the deadly effects of SARS-II complement the genocidal actions of State necrocapitalism, as they affect mainly the most vulnerable groups in the periphery of the globalized world. Finally, the pandemic outbreak crisis of this 21st century's second decade, amid a context of uncertainty, gives us the certainty of the urgency to build a better humanities project than the one based on a consumer society.

Keywords:

Necropolitics. Pandemic. Capitalism.

Resumen

La crisis global de la sanidad pública que el nuevo coronavirus tiene provocado, en la estructura de las políticas neoliberales de los Estados nacionales, no confirma el fin del capitalismo, o el desgaste del sistema económico. El objetivo de este ensayo es, presentar una reflexión analítica, acerca de las dimensiones geográficas que la necropolítica ha producido a partir del proyecto de modernidad, y que están siendo reforzados con la pandemia. La metodología utilizada para producir este texto, se basó en, investigación bibliográfica y pesquisa literária. En resumen, lo ensayo destaca que los efectos del Sars II, colaboran con las acciones genocidas del necrocapitalismo del Estado, afectando sobretudo las poblaciones más vulnerables, que habitan en las regiones periféricas del mundo globalizado. Finalmente, la crisis del brote pandémico, de esta segunda década del siglo XXI, en un contexto de incertidumbre, nos ofrece, con seguridad, la necesidad urgente, de producir un mejor proyecto de humanidad que no se fundamente en una sociedad de consumo.

Palabras clave:

Necropolítica. Pandemia. Capitalismo.



Dimensões de uma geografia da morte

O surto pandêmico provocado pelo “novo” Coronavírus trouxe inúmeras incertezas sobre o futuro da humanidade pós-pandemia. Digo isso, partindo do pressuposto de que o vírus intitulado de SARS-II ou COVID-19 forçou os Estados nacionais (alguns mais e outros menos) a adotarem medidas de isolamento social como forma de enfrentamento ao vírus. Por outro lado, essas medidas chamadas também de *lockdown*, provocaram grandes debates acerca dos mercados de consumo e de trabalho, visto que, sem consumo em massa, a busca incessante pela lucratividade é afetada, levando, em alguns casos, à redução dos postos de trabalho, aumentando o desemprego conjuntural. Mas não se trata apenas de conjuntura econômica, pois mudanças na estrutura de trabalho das empresas estão se dando com o Home Office, que as mantêm em funcionamento, porém, com o quadro reduzido e com serviços e controle mais intensos.

Desde a consolidação da globalização neoliberal, mais especificamente após os anos de 1980, percebemos a existência constante de um sistema de crises que se reproduz nas narrativas dos Estados. Desse modo, as crises pesam sobre os trabalhadores que têm enfrentado cada vez mais a superexploração e precarização de suas forças de trabalho. A crise pesa também sobre os aposentados, que têm uma diminuição constante de sua fonte de renda. Ela também chega de forma devastadora aos “sem tetos” dos grandes centros urbanos que sofrem com a seletividade geográfica produzida pela exclusão socioespacial.

A crise do capitalismo atinge também mulheres, transexuais, gays, lésbicas, negros, indígenas, portadores de necessidades especiais e crianças. Ela se dá de forma perversa principalmente sobre a população subalternizada das periferias do capitalismo globalizado. Com isso, o discurso de que a crise é global deve ser relativizado, já que a geografia tem nos mostrado que a expansão do modo de produção capitalista se dá numa relação centro e periferia por meio da exploração dos recursos que, por séculos, alimentam um *necroestado* que instituiu, por meio da racionalidade econômica, uma perspectiva liberal democrática ocidental que, através do genocídio, consolidou as bases de produção da riqueza de uns em detrimento da miséria de outros.

Chama atenção o fato de que é preciso termos a compreensão de que uma crise de pandemia se torna muito mais grave naqueles países que mantêm condições sub-humanas de moradia para as suas populações e que enfrentam problemas de déficits nos serviços de saúde pública. São nações que tiveram suas riquezas saqueadas pelas grandes potências europeias



durante o período colonial nas Américas e por todo o imperialismo que explorou a África e a Ásia.

Além disso, o neoliberalismo como modelo político e civilizatório impôs uma ordem social hegemônica que aprofundou conflitos sociais internos de cada Estado, que o abraçou de forma ortodoxa. Impõe-se então, uma ordem social branca-cristã-judaica-hétero-normativa que potencializou o racismo, o machismo, a misoginia, a lgbtfobia, dentre outras formas de perseguição e ódio contra os chamados indesejáveis ou não civilizados ou, como alguns preferem chamar, ódio contra as minorias nos espaços de poder.

A história do capitalismo é a história do genocídio dos povos que foram colonizados no “resto do mundo”, é o estabelecimento de uma necropolítica (MBEMBE, 2006), que se deu sobre africanos e povos originários das Américas. O capitalismo desenvolvido pelo necroestado foi tão mortífero quanto qualquer tipo de vírus, tivemos povos inteiros dizimados (Incas, Astecas e Maias, por exemplo), escravizados, silenciados e subalternizados. E, mesmo após o colonialismo, as potências europeias mantiveram uma colonialidade do saber, do ser e de poder (LANDER, 2005) que nos remete mentalmente a uma ideia de universalização das ciências e das narrativas sobre os povos do mundo.

Além disso, os surtos pandêmicos nos têm ensinado que as crises de pandemia só se tornam globais quando vitimizam populações de países que representam o centro do capitalismo. Enquanto elas concentram-se em países pobres da periferia em nada representam ameaças à estabilidade econômica e política do mundo. Há, nesse sentido, uma seletividade naquilo que representa o direito de vida e o direito de morte. Nestes termos, necroestado, necrocapitalismo e necropolítica estão relacionados na gestão da vida e na regulação dos corpos, definindo-se também como uma biopolítica (FOUCAULT, 1999).

Quando o “novo” Coronavírus começou a se manifestar na China, matando milhares de pessoas, as grandes potências pareceram não se preocuparem com a possibilidade de uma crise global gerada por um surto pandêmico. Afinal de contas, o vírus estava se manifestando no país mais populoso do mundo com 1.419 bilhão de habitantes localizado no Leste da Ásia. Contudo, não se tratava de qualquer país e sim de um dos principais motores da economia global, com o segundo maior PIB do mundo, ficando atrás apenas dos EUA.

Os fluxos populacionais de empresários, executivos e políticos para a China são cotidianos. O mundo inteiro hoje faz comércio com esse país e foi praticamente inevitável o “novo” Coronavírus não acompanhar essa mobilidade. Não procuro aqui fazer qualquer tipo de acusação inconsequente aos chineses, visto que as transformações ocorridas na relação entre homem e natureza nos últimos séculos têm trazido à tona debates acerca das novas doenças



infecciosas que afligem a humanidade. Decerto a urbanização acelerada, a poluição dos rios e do ar, o uso de agrotóxicos, a contaminação dos lençóis freáticos, o desmatamento intenso, as queimadas das florestas e, por fim, o aquecimento global, são todas ameaças à existência de vida humana na terra.

O “novo” Coronavírus atravessa do pacífico para a Europa produzindo uma geografia da morte: Reino Unido (41.662), Itália (34.301), Espanha (27.136) e França (29.389). Até o dia em que este texto estava sendo escrito, a Europa já ultrapassava os 150 mil mortos. Na América do Norte, os EUA, assim como o Brasil na América do Sul, também negligenciaram os efeitos catastróficos que o SARS-II ou “novo” Coronavírus poderiam fazer em seu território. E, no dia 14 de junho de 2020, os EUA somavam um total de 117.400 mortes e o Brasil 42.802 mil vítimas fatais, ocupando, assim, a segunda posição no ranking mundial.

O vírus vem fazendo uma mudança, mesmo que forçada, nos hábitos cotidianos de muitas pessoas que se enquadram no chamado grupo de risco. Países com um número considerável de idosos correm o perigo de terem suas populações diminuídas. Porém, não são idosos apenas que sofrem a ameaça do SARS-II. Hipertensos, diabéticos, pessoas com problemas de obesidade e pneumonia também se tornam potenciais vítimas do Coronavírus e, portanto, já são mais de 427 mil mortes no mundo provocadas pelo surto pandêmico, anunciando com uma crise de saúde humanitária.

Por enquanto, o continente americano concentra 48,26% dos casos, a Europa 31,19%, a região do Leste Mediterrâneo 9,86%, a África 2,17% e o Sudeste Asiático 5,92%. Esses números demonstram uma distribuição espacial bastante desigual no mundo. E a China? O país onde acusam de se ter iniciado todo esse problema acumula, nesse momento, um total de 4.634 mil mortes. Ou seja, esse dado deixa muitas dúvidas sobre a origem de fato do novo Coronavírus, e também fizeram com que muitas teorias da conspiração fossem apresentadas como uma explicação geopolítica do vírus e, por isso, é preocupante fazer uma análise que parta de uma acusação ou de uma proposta de conspiração contra o motor da economia global.

Sucessivas crises de pandemias no mundo globalizado

Pode-se dizer que a SARS-II ou COVID-19 é a grande ameaça global deste início da segunda década do século XXI. No período de 20 anos, a SARS causou três grandes surtos em todo o mundo, demonstrando duas questões: em primeiro lugar, trata-se de um vírus emergente e, em segundo lugar, é um vírus que sofreu mutações. Essas duas questões devem alertar para que, de fato, haja investimentos em ciências e pesquisa laboratorial voltadas para a imunização



epara acura de pessoas infectadas. Além disso, serviu de alerta para a necessidade de restabelecer os sistemas de saúde, preparando-os para eventuais crises pandêmicas.

Embora o continente asiático tenha, nas últimas décadas, apresentado problemas de pandemias, não se pode apontar certo determinismo que destaca localização geográfica, clima e os hábitos culturais da população como fatores favoráveis à reprodução dos vírus. Na verdade, o vírus é um dado da natureza e as transformações que ela vem sofrendo em função dos processos de industrialização e urbanização, mais os constantes usos de produtos químicos na agricultura promovem transformações que afetam a biodiversidade do planeta. Acredito que estes fatores têm muito a explicar sobre várias doenças que a humanidade hoje enfrenta. O novo coronavírus é só mais uma pandemia de um vírus que só se manifesta quando provocado e que acertou precisamente o capitalismo global, pelo menos, enquanto uma crise temporária, que trouxe reflexões importantes sobre o papel do Estado diante de crises e pandemias.

O século XXI conviveu com vários surtos de pandemias originadas por ações de vírus, onde algumas foram superadas e outras se encontram apenas controladas pois, no caso do controle, isso ocorre porque ainda não se descobriu a cura para determinados tipos de infecções causadas por determinados tipos de vírus.

O primeiro grande surto de gripe foi a gripe espanhola (1918-1919), que deixou cerca de 50 milhões de pessoas mortas. Essa pandemia, até hoje, é considerada a que mais vitimou pessoas em um curto espaço de tempo. A ação mortífera do vírus matou mais do que a primeira guerra mundial (1914-1918). Os primeiros casos foram realizados nos EUA, espalhando-se pela Europa e por todo o planeta.

A China foi o lugar onde surgiram os primeiros casos da gripe asiática (1957-1958), mais especificamente no sul deste país. De início, os idosos foram as maiores vítimas de uma gripe que, de forma agressiva, causava problemas pulmonares. O vírus chegou até os EUA e Europa, deixando no mundo um saldo de 1,1 milhão de mortos. Posterior a esse surto pandêmico, temos a gripe de Hong Kong (1968-1970), que fez cerca de 1 milhão de vítimas fatais e atingiu muitas crianças na Ásia, EUA e Europa.

A Síndrome Respiratória Aguda (SARS) (2002-2003) também teve o sul da China como o local de origem do vírus, onde as primeiras explicações apontavam a transmissão feita pelo morcego ao homem através da civeta, uma espécie de mamífero que é comercializado nos mercados para ser consumido como alimento. O fato é que esse vírus altamente contagioso causa pneumonia aguda e, às vezes, sendo fatal, o que deixou o número de 774 mortos. A SARS chegou a atingir cerca de 30 países, mas esteve mais concentrada na China e em Hong Kong.



Também tivemos a gripe aviária (2003-2004), onde granjas de frango foram destruídas em Hong Kong com 1,5 milhões de aves mortas. Todavia, o vírus foi transmitido para seres humanos, fazendo com que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretasse emergência global de saúde pública, registraram-se 400 mortes causadas por esta gripe sendo bem inferior em relação aos outros surtos.

Na América Latina, o México, em 2009, sofreu com o surto de “gripe suína” ocasionada pelo vírus H1N1. A contaminação ocorre de um humano contaminado para outro humano e, por isso, o consumo de carne de porco não representa qualquer risco. Neste mesmo ano, a OMS declarou estado de emergência e isso fez com que a H1N1 fosse caracterizada como pandemia, responsável pela contaminação de 27.737 pessoas no mundo, o que deixou um saldo de 11.300 mortos, segundo a OMS.

E, na África, a epidemia do Ebola se espalha pela Libéria, Guiné e Serra Leoa, um tipo de febre hemorrágica. Seu surto pandêmico se deu de 2013 a 2016, mas o vírus Ebola foi identificado pela primeira vez em 1976. Também houve surtos pequenos em Mali, Nigéria e Senegal. Na Europa, Espanha, Itália e Reino Unido, tiveram casos registrados da doença e também nos EUA alguns casos foram identificados, porém, nada fora de controle. A OMS notificou um total de 11.323 mortes. Em 2018 o Ebola reaparece na África, mas agora na República Democrática do Congo, deixando um saldo de 2.200 vítimas fatais.

Essa explanação demonstra que não tem como determinar um foco epidêmico, visto que, vários fatores podem contribuir para a difusão de um vírus. Mas, todos os surtos epidêmicos que foram destacados, produzem uma geografia. Uma geografia do vírus que precisa ser compreendida e que tem relação com a produção dos espaços geográficos, com os fluxos migratórios, com as desigualdades ou seletividades espaciais.

No caso do SARS-II, várias teorias surgiram tentando dar conta de explicar a origem desse novo coronavírus. Algumas, até de forma tendenciosa, tentando culpar os chineses ou, mais ainda, de forma desrespeitosa, associam a cultura oriental asiática à difusão dessas pandemias. Existem muitas respostas que partem de uma ordem natural das coisas, considerando fatores climáticos, por exemplo, para a adaptação ou para a origem de determinado vírus. Também há algumas teorias que falam de vírus criados em laboratórios, e, acidentalmente, pessoas se contaminam e acabam infectando outras.

De qualquer forma, ainda é muito cedo para tentarmos dar uma resposta consistente acerca da origem real do “novo” Coronavírus. As preocupações estão voltadas para a busca da cura ou do controle do vírus, portanto, laboratórios do mundo inteiro estão nesta corrida pela



fabricação da tão sonhada vacina, que provavelmente ganhará os mercados globais, trazendo estabilidade e segurança aos Estados e suas populações.

Necropolítica e estado de crises

A necropolítica faz parte de uma geografia genocida construída pelo projeto de modernidade eurocêntrica durante o colonialismo e imperialismo. A abordagem deste conceito define que:

a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem pode morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder (MBEMBE, 2006, p. 5).

Disto isto, afirmo em meus argumentos que o Estado e sua pulsação genocida opera a partir da construção de um saber que liga indissociavelmente a crítica da vida e a política da luta e do trabalho necessários para escapar à morte. Impõe, então, uma perspectiva em que, do seu ponto de vista, a luta tem por objeto produzir a vida e, nesse sentido, a “violência absoluta” desempenha uma função desintoxicante e instituinte.

A África, a Ásia e a América foram incorporadas ao que Quijano (2005) chamou de sistema-mundo-moderno-colonial fundado pelo modelo eurocêntrico do colonialismo/imperialismo. A construção da modernidade-colonialidade produziu o primeiro grande surto de mortes causadas pelo necrocapitalismo imposto pelo necroestado moderno.

Nestes termos, a fome, a miséria e os conflitos étnicos e territoriais, em alguns casos, são heranças que se mantêm como resultados da experiência europeia sobre o mundo. O capitalismo carrega, em sua essência, a política do sacrifício e é isso que está em jogo nas relações socioespaciais que, limitadas, comprometem uma dinâmica de mercado que depende da circulação de mercadorias e do consumo em massa. A busca do controle da pandemia também reflete o interesse dos Estados em dar continuidade às práticas comerciais de acumulação, por meio de um necroliberalismo que torna o mercado mais importante do que a vida.

Ora, é justamente isso que está em jogo hoje. As grandes fortunas no mundo também são geradas mediante a especulação, aplicação de investimentos nas bolsas de valores, contrabando de ouro, diamante e outras mercadorias, narcotráfico, corrupção, tráfico de pessoas e exploração sexual e, por último, o financiamento de guerras. Talvez, por isso, os países desenvolvidos utilizem a palavra “guerra” ao COVID-19.



Para o Estado capitalista, “a soberania expressa predominantemente o direito de matar” (MBEMBE 2006, p. 16). Pois, é pela violência de Estado que o homem-corpo se torna homem-coisa, coisa estigmatizada no conjunto da população como homens “perigosos”, bárbaros e desprovidos de humanidade. É preciso, então, defender a “humanidade civilizada”, mantê-la viva e protegida. Esse corte, que também é racial, Michel Foucault (1999) chamou de biopolítica, onde é preciso “fazer viver e deixar morrer”.

A necropolítica opera complementando em função dessa defesa da sociedade, onde o “fazer morrer e deixar viver” é o fundamento principal da gestão da morte, tendo no determinismo racial seu alicerce, transformando sujeitos vivos em sujeitos mortos ou “formas de vida” em “vidas sem forma”. Assim, o Estado age para fazer morrer seus indesejáveis, sobretudo, a partir da construção de uma política de inimizade, como bem destaca Mbembe (1998). Nesse sentido, nas periferias e favelas onde habitam populações negras, em sua maioria, a vida se assemelha a um constante combate sem fim em busca da sobrevivência, “estritamente falando, a vida é aquilo que a luta tiver produzido” (MBEMBE, 2019).

Contudo, os últimos acontecimentos políticos que vem ocorrendo no mundo contemporâneo evidenciam que não há um limite nesse direito de matar entre o Estado e outros sujeitos. O corpo-alvo da necropolítica também é agora o corpo-arma, aquele corpo que carrega o vírus que pode ser fatal, mortífero e extremamente potente em níveis de contaminação. Durante toda história de expansão genocida do Estado capitalista (Necroestado), o mundo ocidental instalou democracias liberais em que a ideia de justiça social e direitos limitavam-se a determinados segmentos sociais. Essa seletividade exclusivista é também mais uma amarga herança do colonialismo/imperialismo que nos apresentou o projeto de modernidade eurocêntrica.

A democracia liberal ocidental foi responsável por produzir, em muitos países, conflitos internos de ordem política, econômica e sociocultural. São conflitos que tem como essência de suas origens o uso do território. Tais conflitos matem, então, populações negras, povos indígenas, grupos de imigrantes, população Lgbtq etc., em estado de emergência constante. São populações constantemente vigiadas e punidas pela polícia de Estado. Esses grupos sociais vêm, na pós-modernidade, apresentando uma luta que possui uma tripla dimensão.

Em primeiro lugar, é uma luta que visa destruir aquilo que destrói ou aquilo que cega e provoca medo e raiva. Buscam alternativas de sobrevivência, de cultura e de lazer, buscam uma razão para existir e continuar vivos diante de todas as negligências orientadas pela gestão da morte. Em segundo lugar, nas periferias, a população tenta tratar e curar aqueles e aquelas que o poder feriu, jovens executados com seus corpos esticados no chão sob os holofotes dos jornais



e sob os olhares acostumados de quem mora nesses lugares. São pessoas torturadas, esculachadas, encarceradas por estarem nos “lugares de morte” e, portanto, são inimigas de uma ordem político-social racista que se mantém hegemônica. Tratam-se também, daqueles que o poder fez deprimir-se e enlouquecer. A função da luta, nesse sentido, é participar ativamente do processo geral de cura. E, finalmente, a luta se dá na busca pelo sepultamento de todos aqueles que tombaram, como diz Mbembe (2019), “abatidos pelas costas”. É a função de sepultamento. Para Achille Mbembe (2019), em torno destas três funções surge, claramente, o elo entre o poder e a vida. O poder, nessa perspectiva, só é poder enquanto exercido sobre a vida, no pondo de distribuição entre a saúde, a doença e a morte (o sepultamento). A luta, nesse sentido, também é administrar as formas de resistência e as condições de existências diante da manifestação cotidiana do necropoder.

É importante ter a compreensão daquilo que Mbembe (2016) chamou de Política de Inimizade. Segundo ele, é uma irrupção de toda uma cultura política da inimizade baseada na tensão de elementos acumulados desde o processo de colonização e que foram escondidos sob a paisagem da democracia liberal. Embora pareçam antagônicos, democracia e inimizade apresentam-se enquanto um paradoxo, opostos e alinhados, onde um sustenta o outro. Mas, como a democracia administra aquilo que não cabe no Estado democrático de direito?

Essa indagação serve para questionarmos as estratégias de desenvolvimento do Estado capitalista mediante sucessivas crises conjunturais que o sistema mantém como algo intrínseco, como destacou Karl Marx. Ainda é cedo para acreditarmos que a crise provocada pelo novo Coronavírus pode possibilitar definitivamente uma ruptura ou mudança na postura dos Estados neoliberais, pois a perversidade sistêmica da colonialidade mantém determinados grupos mais vulneráveis e a busca incessante pelo lucro é a principal preocupação das grandes empresas globais e dos mercados financeiros.

Antes da pandemia, o mundo já vivia uma crise ocasionada pelo processo civilizatório da ordem social hegemônica do neoliberalismo. E podemos destacar aqui algumas que mais nos chamam a atenção pelo fato de terem também provocado efeitos na criação de movimentos de resistências, denúncias e lutas contra-hegemônicas ou antissísmicas. Assim, anunciamos então as crises que, na tentativa de promoverem geografias imaginárias, encontram outras cartografias estabelecidas pela cultura popular.

Em primeiro lugar, existe uma crise histórica provocada pela modernidade que promoveu aquilo que Castro-Gomes (2005) definiu como violência epistêmica, ou seja, uma espécie de invenção do outro. Fato que, a partir do colonialismo/imperialismo, ocorre na África e América, onde a colonização/dominação impôs um genocídio sobre as populações autóctones,



não só do ponto de vista da gestão da morte que transforma corpos-vivos em corpos-vazios, mas também uma morte cultural, a partir de um mundo e de uma narrativa eurocêntrica que classifica como bárbaros todos aqueles que se manifestam contrariamente a esse processo.

Em segundo lugar, a crise do coronavírus não é anterior à crise humanitária que foi construída a partir da criação do conceito de raça, que se constitui enquanto um elemento central no processo civilizatório. Segundo Mbembe (2019), a raça esteve, no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes, tendo sido a causa de devastações psíquicas assombrosas e de incalculáveis crimes e massacres. Assim, em sociedades racializadas, o fenótipo ou a cor da pele, vem definindo o acesso aos mecanismos de proteção do Estado que define quem vive e quem morre, ou seja, a presença do racismo estrutural é uma forma de genocídio da população negra, que já acontecia, e, com a pandemia do novo Coronavírus, os déficits em relação ao atendimento em hospitais de campanha forçam as equipes de saúde a fazerem escolhas baseadas em critérios raciais, algo que foi denunciado nos EUA.

Em terceiro lugar, o desenvolvimento do capitalismo industrial e financeiro, desde sua origem, vem intensificando as ações extremamente predatórias sobre a natureza. E esse processo coloca sob risco as formas de organização da sociedade, visto que esse modelo hegemônico, que mercantiliza os recursos naturais, promove problemas de desmatamento e queimadas intensas, contaminação dos rios e lençóis freáticos, poluição do ar e aquecimento global. E, além disso, ocorre uma apropriação dos saberes acerca da biodiversidade e sua importância para o mercado, impondo-se uma biocolonialidade.

Por fim, há também afirmações que defendem a ideia de uma crise hegemônica que promove mudanças essenciais nas relações sociais de produção, sobretudo devido à automatização que contribui para a ampliação da mais valia em escala mundial, de forma que, a geração e concentração da riqueza, promovem os problemas de toda ordem, como: desemprego em massa, problemas ambientais, marginalização e precarização, pobreza e miséria. Questões que se aprofundaram não apenas com a automatização, mas sofrem fortes influências do movimento político neoliberal.

A certeza das incertezas pós-pandemia: quais lições o vírus nos ensina?

Uma grande mensagem que o COVID-19 ou “novo” Coronavírus vai deixar para a humanidade é a certeza das incertezas. De todo modo, a crise de pandemia nos alertou sobre questões importantes em relação à política neoliberal no mundo, visto que, em alguns Estados,



de maneira ortodoxa, esse modelo de Estado privatizou e reduziu investimentos em vários setores públicos, a exemplo do setor de saúde. A contaminação em massa da população, a partir da disseminação do vírus, provocou uma forte pressão sobre os hospitais privados e em alguns públicos que se mantinham, mesmo precarizados. E isso forçou os países adeptos da cartilha do Estado mínimo a alocarem investimentos na saúde com a criação de hospitais de campanha e contratação de profissionais da área de saúde, bem como criaram também mecanismos de proteção aos trabalhadores, como o auxílio emergencial. Além disso, estabeleceram sistema de créditos para salvaguardar grandes e pequenas empresas, que ficaram comprometidas com o fechamento temporário do mercado.

Agora, todos podemos carregar o vírus em nosso corpo. Nosso corpo é uma arma que nos põem junto com os outros em risco. Como bem destacou o Cientista Político e Historiador Camaronês Achille Mbembe em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, para ele, a pandemia democratizou o poder de matar e a necropolítica aparece pelo fato de que o vírus não afeta todas as pessoas de uma maneira igual. Como diz Mbembe (2020), “o sistema capitalista é baseado na distribuição desigual de deixar viver e deixar morrer”; é, portanto, uma lógica do sacrifício, que sempre esteve no coração do neoliberalismo.

A única certeza que temos são as incertezas que provocam mais incertezas. Incertezas sobre a postura dos Estados pós-pandemia em relação à manutenção dos serviços de saúde que surgem com o surto do “novo” Coronavírus, pois a agenda neoliberal é incompatível com setores públicos desvinculados do mercado. Então, quais serão as medidas adotadas pelo Estado para atender aos interesses do mercado da saúde, a exemplo, dos planos, seguros de vida, hospitais particulares, etc.?

Também a humanidade passará a conviver com o vírus do COVID-19 ou “novo” Coronavírus, já que ainda não temos uma vacina que possa nos manter imunizados em relação ao vírus. Embora laboratórios do mundo inteiro estejam empenhados numa corrida contra o tempo para encontrarem uma cura, ainda não há uma solução eficaz e novos surtos podem surgir a qualquer momento em qualquer lugar do planeta. E, sendo assim, as chamadas populações do grupo de risco irão continuar sob a ameaça mortífera do vírus.

Outra incerteza é em relação ao mercado de trabalho, pois os serviços por meio de Home Office criaram outra forma de exploração dos trabalhadores que, desempenhando suas funções em casa, expõem-se a cargas horárias excessivas. Além disso, muitas empresas diminuíram os seus postos sobrecarregando os funcionários que nelas permanecem ou elas investiram em automação. De qualquer forma, há uma grande dúvida em relação ao futuro de milhões de assalariados que vendem sua força de trabalho.



Há também uma grande incerteza acerca de alguns serviços de lazer e recreação: restaurantes, bares e pubs, salões de beleza, academias, clínicas de estética etc. Esses ambientes, tão frequentados, podem ser interpretados como lugares hostis para a propagação do vírus, ou seja, esse pensamento pode influenciar o público consumidor desses serviços, causando assim, mais impactos na economia, atingindo principalmente os pequenos empresários que, desprovidos de capital suficiente para a compra de medidores de temperatura, por exemplo, podem ter sua clientela diminuída, tendo que fechar as portas, elevando ainda mais o desemprego.

Acredito que a maior lição que será deixada pelo surto do “novo” Coronavírus é a necessidade de pensarmos em uma sociedade mais justa, mais solidária e mais humana. O egoísmo do capitalismo e a tirania do mercado tiveram na formação de uma sociedade consumista seu principal aliado nas políticas neoliberais. Essas políticas mostram a globalização como ela é: de uma fábula à perversidade, como dizia o geógrafo Milton Santos.

Nunca estivemos diante de tantas ferramentas e de possibilidades de transformação da realidade como hoje. A atual conjuntura de crise do capitalismo neoliberal, em função de uma pandemia global, pode ser a transição para o que Milton Santos propõe como “uma outra globalização”. Para ele, vivemos em uma transição em marcha, proporcionada por esse novo cenário da globalização (SANTOS, 2001).

Esperamos que após a pandemia do “novo” Coronavírus, possamos encontrar respostas para tantos questionamentos que aqui ficaram como reflexões de um ensaio. Defendo que o caminho para a verdadeira democratização da vida está nas experiências dos povos do Sul global. É na cartografia das resistências que indígenas da Amazônia e da América Latina, comunidades africanas, afro-religiosas, comunidades negras, mulheres quebradeiras de coco e babaçu, comunidades Lgbtq, feministas, dentre outros, promovem ações contra-hegemônicas que negam a geografia das ausências imposta pelo modelo civilizatório.

Considerações finais

Como visto, o processo de desenvolvimento/expansão do capitalismo se deu mediante um projeto civilizatório que teve como fundamento a necropolítica dos Estados modernos. O projeto de modernidade se dá pelo colonialismo e, posteriormente, pelo imperialismo, e, sendo assim, as estratégias de controle e dominação europeia foram impostas sobre a África, América e Ásia, fazendo com que estas regiões tivessem suas riquezas saqueadas e seus povos subalternizados. Pode-se dizer que é a institucionalização de uma relação de poder que promove



extermínio, exploração, miséria, desigualdades, ou melhor, promove violência política, econômica e cultural.

De fato, a crise econômica e de saúde pública que o “novo” Coronavírus vem promovendo afeta, de forma perversa, as populações vulneráveis, seja qual for o país. E em relação aos países da periferia do mundo globalizado, os efeitos da SARS-II são ainda mais mortíferos, sobretudo contra a população que habita os espaços precarizados pelo capital na área urbana fortemente atingida pelas políticas neoliberais de contenção de gastos e privatização da saúde.

Por fim, ainda é cedo para defendermos a tese de que um novo modelo de Estado e de economia global está surgindo com a crise de pandemia, que mostra certa ineficiência do neoliberalismo. Mas esperamos que ferramentas de enfrentamento à necropolítica, que o vírus aprofunda, sejam criadas e manifestadas pelos mais diversos movimentos de resistência, tais como; o movimentos de cultura popular, o movimentos dos povos indígenas e das comunidades negras, as comunidades de pescadores artesanais, o movimento de mulheres e os de defesa das diversidades, dentre outros. Todos eles devem nos apresentar uma saída para a crise que proponha alternativas apontando outros caminhos possíveis, outras possibilidades de um mundo mais humano.

Referências

CASTRO-GOMEZ. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro. In: LANDER, Edgardo (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas.** ColecciónSurSur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976).** São Paulo: Martins Fontes, 1999

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: LANDER, Edgardo (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas.** ColecciónSurSur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** São Paulo N-1 edições, 2006.

_____. **Crítica à razão negra.** São Paulo. N-1 edições, 2019.

_____. **A pandemia democratizou o poder de matar,** entrevista concedida à Folha Uol. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml> Acesso 17 de jun de 2020.



MARX, Karl. **Trabalho assalariado e capital**. Disponível em: www.marxista.org/portuges/marx/1849/04/05.htm. Acesso em: 7 de abr. 2020.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Aníbal Quijano. In: LANDER, Edgardo (Org). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. ColecciónSurSur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2001.

Organização Mundial da Saúde. Relatórios de situação da doença de coronavírus (COVID-2019). Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports/> Acesso em: 14 de jun 2020

OIT. **Impactos do COVID-19 no emprego**. Organização Internacional do Trabalho. Escritório no Brasil. Disponível em: <https://www.ilo.org/brasil/lang--es/index.htm>. Acesso em: 12 de mar. 2020.